



IDENTIDADE E PLURALIDADE RELIGIOSA. EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E ESTÉTICA EM A ETERNIDADE E O DESEJO.

Prof. Dr. Alessandro Rocha¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Resumen: El presente artículo trata del tránsito religioso como condición existencial a partir de la comprensión de la literatura como lugar de revelación y como espacio de investigación del fenómeno religioso. Ello se hace desde la obra *La Eternidad y el Deseo* de Inés Pedrosa. El texto explora el paso de la condición existencial llamada miseria a la condición exodal conocida como ipseidad. El tema del tránsito religioso ha sido ampliamente explorado, sobre todo en el ámbito de las ciencias sociales, pero es casi siempre despreciada la dimensión existencial de los sujetos en tránsito, perdiendo de esa forma la posibilidad de valorización de las nuevas experiencias religiosas realizadas por hombres y mujeres. Desplazar la investigación de esta cuestión a la dimensión de la fenomenología es priorizar la narrativa que el sujeto religioso puede dar sobre su misma experiencia. Queremos percibir tal narrativa en la literatura, asumiéndola como campo de estudio de la religión. En ese sentido establecemos el diálogo entre experiencia religiosa y narrativa literaria. La consideración de la literatura como campo de estudio de los diversos fenómenos sociales -entre los que destacamos aquí el religioso- tiene que ver con las discusiones sobre la naturaleza de la literatura y su intencionalidad expresiva.

Descriptor: Teología · Literatura · Tránsito religioso · Condición exodal

Abstract: This article deals with religious transit as an existential condition based on the understanding of literature as a place of revelation and as a space for investigation of religious phenomena. This is done from the work *The Eternity and the Desire* of Inés Pedrosa. The text explores the passage from the existential condition called misery to the *exodal* condition known as *ipseity*. The issue of religious transit has been widely explored, especially in the field of social sciences, but the existential dimension of subjects in transit is almost always neglected, thus losing the possibility of valuing new religious experiences carried out by men and women. To shift the investigation of this question to the dimension of phenomenology is to prioritize the narrative that the religious subject can give on his own experience. We want to perceive such a narrative in literature, assuming it as a field of study of religion. In this sense, we establish the dialogue between religious experience and literary narrative. The consideration of literature as a field of study of the various social phenomena -among which we highlight here the religious- has to do with the discussions about the nature of literature and its expressive intentionality.

Keywords: Theology · Literature · Religious transit · Exodal condition

Enviado: 04/07/2017. Aceptado: 07/11/2017

¹ Pós-doutor em Letras e doutor em Teologia pela PUC-Rio. Diretor do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio. Professor da FAECAD, professor da graduação e pós-graduação da Faculdade Unida. E-mail: souprotestante@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Ouvir a divindade onde quer que ela esteja”. Esta é a resposta que uma lalorixá dá a Clara – personagem central do romance *A Eternidade e o Desejo* – diante da pergunta se ela ia à Igreja. A partir de tal romance exploraremos o trânsito religioso como expressão da condição exodal que o *homo religiosus* é capaz de experimentar. Pensar o trânsito religioso não em perspectivas sociológicas, mas fenomenológicas, é o desafio principal a ser explorado (Dreher, 2003, p. 28). Isso se fará no diálogo criativo entre a Teologia e a Literatura.

O tema do trânsito religioso tem sido largamente explorado, sobretudo no âmbito das ciências sociais (Francisco, 2015, p. 95), mas é quase sempre desprezada a dimensão existencial dos sujeitos em trânsito perdendo dessa forma a possibilidade de valorização das novas experiências religiosas realizadas por homens e mulheres. Deslocar a investigação dessa questão para a dimensão da fenomenologia é priorizar a narrativa que o sujeito religioso pode dar sobre sua mesma experiência (Dreher, 2003, p. 35). Aqui queremos privilegiar a narrativa literária de Clara em seu trânsito, ou ainda, em seu êxodo.

Para tanto percorreremos um itinerário que nos levará as seguintes estações: a literatura como lugar de revelação e, por isso, como espaço de investigação do fenômeno religioso; a passagem da condição existencial marcada pela angústia e desespero própria da dimensão humana chamada mesmidade à condição exodal marcada pela passagem que as pessoas fazem ao longo da vida chamada de ipseidade; e, por fim, a condição exodal investigada na obra *A Eternidade e o Desejo*.

1. A LITERATURA COMO *LOCUS* DE REVELAÇÃO.

A literatura² como campo de estudo da religião é uma realidade nos estudos teológicos contemporâneos.³ A consideração da literatura como campo de estudos dos diversos fenômenos sociais – dentre os quais destacamos aqui o religioso – tem a

² No âmbito deste artigo há uma ênfase na literatura como *locus Theologico*, isso não significa que outras expressões culturais não possam ser tomadas como tal. A ênfase dada diz respeito tão somente ao recorte que essa pesquisa determinou.

³ Um exemplo típico do que seria a utilização da literatura numa etapa do método teológico pode ser encontrado na tese de Antonio Manzatto sobre a antropologia de Jorge Amado à luz da Teologia da Libertação. Na perspectiva de Manzatto, a teologia pode e deve recorrer à literatura como mediação para a leitura da realidade. Ele afirma: “Para chegar ao antropológico, à compreensão do que é o homem e do que ele significa, a teologia pode ser ajudada por vários tipos de mediação, como dissemos. Ela pode fazer apelo à filosofia e às ciências em geral, com destaque para as chamadas ciências humanas. Mas ela pode também fazer apelo às artes. Estas, por sua natureza e por seu antropocentrismo radical, são também lugar de revelação do humano. Sendo assim, a literatura de ficção revela uma forma de compreensão do humano, uma antropologia.” (Manzatto, 1994, p. 5)



ver com as discussões sobre a natureza da literatura e sua intencionalidade expressiva. Tomada exclusivamente em sua dimensão ficcional a literatura estaria impedida de apresentar-se como lugar de teorização da realidade. Contudo, compreendida como meta-linguagem, como expressão da condição humana em linguagem ficcional, ela se torna um espaço privilegiado para a compreensão do humano em suas diversas interações com a realidade (Magalhães, 2009, p. 52).

Perceber e teorizar a literatura como campo de estudo da multiplicidade de fenômenos humanos –e do religioso em especial– já é um dado importante, contudo pretendemos mais, queremos dizer que a literatura é um *locus* de revelação.⁴ Para isso pressupomos como ponto de partida teológico a tese da revelação como maiêutica histórica (Queiruga, 2010, p. 146). Isso nos leva à máxima de que toda realidade grávida de *Palavra* fundamental.

A literatura é *locus* de revelação, contudo o olhar lançado sobre ela permitirá ou não ver a epifania que dela emerge.⁵ São conhecidas as máximas A Bíblia é a Palavra de Deus (onde só na letra da Escritura há revelação) e A Bíblia se torna a Palavra de Deus (onde a Escritura pode ou não tornar-se a Palavra de Deus). Em ambas o acento se encontra na Escritura (Queiruga, 2010, p. 212). Somente superando essa verbalização da revelação é que se pode abrir a percepção da revelação para outros *locus*, inclusive a literatura.

Superar a verbalização da revelação, sua identificação exclusiva com a Escritura, não é desqualificar a Escritura como lugar primeiro da revelação, antes, perceber que a auto manifestação de Deus se dá fundamentalmente no ato criador de toda a realidade e, que na Escritura encontra seu testemunho privilegiado. Aproximar revelação de criação garante uma perspectiva sobre o falar contínuo do criador à toda realidade criada. O “então Deus disse” do Gênesis aponta para a dinâmica revelacional da criação.

⁴ Há inúmeros autores que sustentam tal perspectiva, dentre eles vale ressaltar Karl Josef Kuschel, Hans Urs von Baltasar e Paul Tillich. Este último, em sua teologia da cultura, parte da tese que a experiência religiosa é mais profunda das experiências humanas. Por esse motivo, a criatividade humana, como capacidade de produzir cultura, já vem marcada por tal experiência. Portanto, é possível dizer que a própria cultura torna-se um lugar para verificar a manifestação do Sagrado que anteriormente atravessou o ser de homens e mulheres. “de repente, a religião percebe que não precisa de nada disso. Dá-se conta de que já possui seu lugar próprio em todos os lugares, principalmente nas profundezas das funções da vida espiritual humana. A religião é a dimensão da profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano. (Tillich, 2009. p. 44).

⁵ Para essa questão há o excelente artigo de José Carlos Barcellos, Doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-RJ, intitulado *Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo*, publicado na revista *Numen*, do departamento de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Barcellos apresenta uma visão global das propostas de articulação entre literatura e teologia no pensamento católico contemporâneo. Através do estudo de autores como Chenu, Jossua. Gesché e Kuschel, entre outros. Na reflexão de Barcellos podem-se distinguir três grandes paradigmas na abordagem dessa questão: um paradigma hermenêutico, um paradigma heurístico e um paradigma interdisciplinar.



Neste sentido afirma Andrés Torres Queiruga: “De fato, Deus está presente em toda a realidade, aberto à experiência religiosamente cognoscitiva do homem” (Queiruga, 1995, p. 145). Desta se pode perceber a íntima relação que há entre Deus e o humano. Deus é presença e o ser humano, como ser de abertura, pode fazer experiência de tal presença e expressá-la segundo suas múltiplas capacidades de linguagem, dentre elas a literatura se destaca, exatamente por ser a expressão da profundidade da sensibilidade humana.

A perspectiva esposada por A.T. Queiruga é ampla e profunda. Sua amplitude consiste em dizer que Deus é presença em “toda a realidade”. Sobre isso ele afirma: “O divino é sempre experimentado como ‘transcendência ativa’, que sai – por própria iniciativa – ao encontro do homem” (Queiruga, 1995, p. 149). Já sua profundidade jaz na proposição de que Deus “está aberto à experiência humana” e, somente a partir dela pode ser comunicado.

Em perspectivas que identificam a revelação exclusivamente na Escritura, a capacidade de expressão do Deus revelado é restringida ao universo religioso. Por outro lado, acolhendo a desidentificação entre revelação e Escritura, há uma ampliação dos *loci theologici* capaz de acolher outras formas de expressividade humana como capazes de dizer a revelação. Dentre esses novos *loci theologici*, destacamos a literatura. Como já mencionado, tal desidentificação não opera um esvaziamento da Escritura de sua condição de testemunha da revelação, antes a coloco no centro de tal processo, cercada de outros *loci* que nela encontram sua inspiração e fonte de discernimento.

A literatura, por seu caráter intertextual e pluridiscursivo, configura em seu interior complexas relações textuais e discursivas, dentre as quais as que se referem aos textos e discursos sobre o sagrado, inclusive aqueles que não pertencem à oficialidade das religiões. Ao longo da história, tem sido abundante presença de “textos sagrados” e discursos sobre o sagrado na literatura. Poetas e prosadores continuamente configuram em seus textos temáticas religiosas, éticas e sociais, dentre outras.⁶

Tais produções constituem-se em provocação para se pensar numa hermenêutica da revelação a partir da literatura, na medida em que esta desenvolve temas filosófico-teológicos tradicionais sob outro e diferente viés e, com uma liberdade que a linguagem metafórica promove, bem como com uma independência e criatividade, para além do rigor da linguagem científica ou dogmática.

Estudar a literatura com o objetivo de refletir sobre as expressões da revelação significa buscar interpretar os sentidos teológicos engendrados

⁶ No cenário brasileiro destacam-se alguns nomes na pesquisa entre teologia e literatura: Antônio Carlos Melo Magalhães, Carlos Eduardo Calvani, José Carlos Barcellos, Waldecy Tenório, Antonio Manzatto, Maria Clara Bingemer.



no seio de reescrituras literárias, que, em diálogo fértil com textos e práticas das religiões, sincreticamente deixam entrever extratos textuais e discursivos provenientes da tradição judaico-cristã que expressam significativas, instigantes e intrigantes reformulações teológicas.

Para ilustrar tal possibilidade de perceber no literário um *locus theologico*, propomos uma reflexão que parte da condição existencial/exodal expressa na narrativa do romance *Eternidade e desejo*, sobretudo, para perceber o caminho de libertação do humano das cadeias que o limitam em sua vocação fundamental. Há na narrativa do romance um mesmo caminho exodal que atravessa as narrativas da Escritura bíblica, e nele nos propomos ler a ação libertadora de Deus (que mostrasse em seus vários nomes).

2. CONDIÇÃO EXODAL OU IPSEIDADE COMO FORMA DE SER NO MUNDO

Inspiramo-nos aqui no fenômeno existencial – místico e/ou literário – conhecido como êxodo. Isto é, na passagem ou mudança que as pessoas fazem ao longo de suas vidas. Passagem de uma condição a outra, de um lugar existencial a outro, de uma pertença religiosa a outra. Essa mudança transforma alguém de uma existência que poderia ser nomeada de mesmidade a outra identificada por ipseidade (Ricoeur, 2010, p. 155).

Por mesmidade compreende-se a vida enclausurada nas experiências traumáticas e limitadoras de novas circunstâncias e possibilidades de transcendência. Já por ipseidade entende-se a existência voltada para superação das ataduras que amarram a vida nas mais diversas situações (Ricoeur, 2010, p. 130). Sair da mesmidade à ipseidade é de fato um êxodo, o que constituiu a condição exodal do ser (Forte, 2002, p. 65).

No caso da obra *A Eternidade e o Desejo* encontramos tal passagem como um fio condutor em toda a narrativa. Clara faz seu êxodo – ou êxodos como veremos –, ela faz sua peregrinação da mesmidade à ipseidade. Do ponto de vista da estrutura narrativa da obra há uma teleologia: a superação da angústia e do desespero que afligem o coração (suas paixões), a mente (sua crise intelectual) e a alma (a experiência religiosa) de Clara.

A estrutura fundamental da condição exodal que enxergamos em Clara é marcada pelas seguintes etapas: situação, peregrinação, superação. A situação é a condição de angústia e desespero que Clara viva em Portugal; a peregrinação é o caminho feito (em duas etapas) para o Brasil e os encontros e desencontros que ela experimenta; a superação é o conjunto de encontros que Clara vivencia (encontros afetivos e espirituais).

3. A CONDIÇÃO EXODAL COMO TRANSFUNDO DE *A ETERNIDADE E O DESEJO*.

Escrito em 2007 pela portuguesa Inês Pedrosa, *A Eternidade e o Desejo* narra a dinâmica do “Êxodo” de Clara, professora de literatura que vive entre os amores de Antônio Vieira e as saudades de Antônio, o soteropolitano com quem teve uma fugaz relação em Portugal. Depois de Antônio retornar ao Brasil, Clara vai ao seu encontro em Salvador onde acaba ficando cega por um tiro que era para seu amado. Ferida retorna a Portugal de onde regressaria ao Brasil anos depois, aí inicia-se seu êxodo.

A caminho da Bahia com Sebastião, aquele que a ama sem ser correspondido, descobrindo que seu amado Antônio está morto, Clara sai de sua situação exodal de angústia e desespero iniciando uma peregrinação guiada por seu padre Antônio Vieira, até sua baiana Canaã, que ela encontraria nos braços de Marcos e no terreiro de Camdomblé.

Ainda em Portugal Clara recebe em sonho uma “revelação” daquilo que seria seu itinerário exodal. Ela narra tal hierofania com as seguintes palavras:

“A noite passada sonhei que voltava à Bahia. O sol atacava a pique, e eu andava de igreja em igreja a procura de alguém que não conseguia encontrar. Na rua a força do sol impedia-me de ver, nas igrejas ficava atordoada com o excesso de turistas e talha dourada. Queria gritar, mas não conseguia. Dizes-me que é uma sensação muito comum, nos sonhos. Mas eu creio que já não posso voltar a ser uma pessoa muito comum” (Pedrosa, 2008, p. 13).

Guiando-se por tal hierofania Clara experimentaria dois êxodos: primeiro, o que a levará da atrofia do coração lusitano à paixão da carne baiana. O segundo, o que a conduzirá da clausura e negação do cristianismo à libertação experimentada no Candomblé. Ambos os êxodos têm como mentor e guia o Padre Antônio Vieira, que costura todo o romance *A Eternidade e o Desejo*. Clara encontra as forças para sua peregrinação em várias palavras de seu Padre Antônio, como por exemplo: “O coração, os pés, as mãos, as asas, tudo vem da cabeça, que é o molde da própria fantasia. Se esta for de homem, as acções serão racionais; se de águia, altivas; se de leão, generosas; se de bois, vis” (Pedrosa, 2008, p. 26).

Clara vem ao Brasil, para terras baianas, para fazer a cabeça, ou ainda, para re-fazer a cabeça e o coração. Nesse caminho ela experimentará seu primeiro êxodo: da atrofia do coração lusitano à paixão da carne baiana.

“Som e sentido, continente e conteúdo dilacerando-se, hoje, como sempre, até que nada reste sobre a superfície hiperbólica da realidade. Dizes que aquilo que eu chamo de estatuto pode também chamar-se ânsia de eternidade. Mas eu vejo tão



pouca eternidade nos sonhos das pessoas, Sebastião. A eternidade a que somos conduzidos a aspirar é a da juventude – o lugar mais rápido, inseguro e variável da existência humana. O lugar do querer ser. Não vêes o contra-senso que isto representa? A violência? A prisão?

“Não, não vêes, como eu não via. Pertencer a um país que de antigo se tornou velho também não ajuda a ver. Só através dos olhos desse Antônio que veio do Brasil eu comecei a ver. Nos olhos dele aprendi a lei Vieira, como no seu corpo aprendi a saborear o desejo infinito, o desejo como experiência da eternidade. Para essa experiência não tenho palavras. Nem sequer silêncio. Dessa experiência, sobrou-me o que sou” (Pedrosa, 2008, p. 26).

Depois de ter experimentado a eternidade nos contornos do desejo que nutria por Antônio e, de ter se tornado naquilo em que se transformou Clara experimentou uma escuridão sem fim – tanto de seus olhos quanto de seu coração e alma. Foi em meio a esse deserto noturno sem fim que Clara experimentou ser conduzida pelas colunas de nuvens constituídas pelas palavras de Vieira e alimentada pelo maná dos sermões de seu Padre. Foi ele que disse a ela o seguinte: “que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo?” (Pedrosa, 2008, p. 147). Claro pode encontrar em sua escuridão desértica o útero para uma nova existência.

Tal caminho exodal levou Clara a desatofiar seu luso coração. Clara clareou-se por dentro, lá onde é mais difícil as luzes chegarem. Mas não só as luzes e cores chegaram no deserto Clarisso, também os cheiros, principalmente os cheiros de seu novo amado e, com ele o leite e o mel da nova terra, da Canaã baiana.

“Preciso deste cheiro. Do cheiro a mar, bulício, perigo e ousadia que não encontro em Portugal. O cheiro a corpos que se mostram – o cheiro a carne a sexo, à mistura de raças. O Brasil tem um odor à sobrevivência pura que me apaixona; não há nada que mate esta terra – talvez seja precisamente isto que a impede de se tornar uma superpotência do mundo e talvez seja também isso o que faz dela, estranhamente, uma referência do mundo. O Ocidente como transcendência das identidades culturais fixas, como possibilidade de superação das fronteiras da identidade, é no Brasil que o encontro. Aqui, a humanidade particular é sempre maior do que o Estado, e se isso representa coisas terríveis, no gráfico da pobreza e da injustiça, sinaliza também, ainda que de forma obscura, a possibilidade de um outro caminho, de uma outra liberdade” (Pedrosa, 2008, p. 154).

Na terra brasiliis Clara encontra a liberdade de seu coração, liberdade não como conceito que se apreende em manuais acadêmicos – coisa que ela conhecia bem em seu Portugal –, mas como experiência concreta e por isso contraditória. Ela continua sua declaração de liberdade:



“Sinto-me mais viva, aqui, onde quase morri, do que no Portugalinho que esconjura o mar da morte no charco das maleitas, o Portugalinho do cá vamos andando, quando mal nunca pior, da inveja pequenina administrativamente organizada. Dirás que exagero, e podes dizer o que quiseses, e ter até muita razão. Sucede é que a razão já não me basta – aliás, não creio que basta a ninguém. À terra que me dá a vida não posso oferecer menos do que a minha vida” (Pedrosa, 2008, p. 154).

Além da dureza do coração empedernido pela frieza acadêmica e pelo amor morto, Clara tinha a vida marcada por uma experiência religiosa jurídica e extremamente infértil. Exatamente nesse segundo aspecto é que se dá sua segunda conversão: da clausura e negação do cristianismo à libertação experimentada no Candomblé. Sobre sua experiência com o catolicismo português Clara, dialogando com seu Padre Vieira, afirma o seguinte:

“O teu Deus estoirou, Vieira – Jeová, ou Alá, ou como quer que se lhe chame, consumei-se nas fogueiras da Inquisição, nas câmaras de tortura e morte de todos os séculos, explode ainda agora nos corpos muito jovens dos bombistas suicidas. O Deus dos fiéis e dos infiéis serviu-te e ti, que soubeste amaciá-lo nos veludos do teu coração, afeiçoá-lo a essa manha portuguesa que, nas aflições, se disfarça com os nós da consolação. O teu Deus marinheiro, feito do braço dos Lusíadas e de uma justiça de tenças, está morto nos braços dos homens que em nome dele ainda matam, vive apenas no sopro dos teus textos que transporto sobre o mar – o teu mar, que já ninguém cruza, nesta civilização do ar” (Pedrosa, 2008, p. 95).

O segundo êxodo de Clara a leva das garras de um Deus morto e sanguinário à festa sensorial dos orixás, e isso se dá pela pena de Antônio Vieira. A ela ele diz: “O sensível, o imaginário, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende, e até onde? Até onde não há onde, sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim, e, por isso, incapaz de circunferência” (Pedrosa, 2008, p. 75). É essa a experiência que Clara deseja, é esse o Deus que seu coração anseia.

“Oxalá Oxalufam está a baixar sobre Marcos. Como é que eu sei, Sebastiao? Vejo Oxalufam (...) Vejo-o, Sebastião, na minha névoa vejo um velho saltando sobre um corpo de homem jovem (...) Não precisas de me dizer, Sebastião, vejo. Vejo os espíritos, muito nítidos, descendo sobre corpos esfumados de mulheres. Várias mãe-de-santos rodopiam sobre si mesmas, bailarinas hipnotizadas, com olhos vazios” (Pedrosa, 2008, p. 75).

A insistência em dizer que viu choca com sua condição de cega. Clara vê, ela vê o que seu coração não via, ela vê o que o Deus morto já não revelava mais, ela vê!



E quando inquirida pelos efeitos daquilo que viu só pode dizer: “Perguntas-me se estou bem, nunca estive tão bem, foi o abraço daquela mãe-de-santo” (Pedrosa, 2008, p. 76). Será essa mesma mãe-de-santo quem a ajudará a discernir sua chegada à terra prometida, ao término de seu êxodo.

“- Dona. Pelas chagas do senhor Jesus Crucificado que nesta casa escura represento, escute o eu tenho pra lhe falar, e não é muito, não. Não faça mais turismo, não. O Português é que nem essas igrejas barrocas que a mão da gente fez a mandado dele: branco liso por fora, e todo emaranhado lá pelos interiores. Em vez de colocar a vaidade no liso, coloca nessa barbaridade de ouros, e fica fácil de pegar por espírito ruim. No frio dessas igrejas não tem Deus nosso senhor nem seus santos nem orixás nem salvação nenhuma. Só o sofrimento dos negros milhões de vezes pregados na cruz onde o Cristo branco sofreu uma vez. Não precisa procurar mais, não. Seu destino era a Bahia, dona, e no seu destino a dona já está” (Pedrosa, 2008, p. 107).

No paradoxo da cegueira que faz a personagem ver melhor, enquanto quem tem olhos para ver, não vê - que remonta aos ensinamentos cristãos -, a obra de Inês Pedrosa revela, ao se rebelar contra as verdades dogmáticas de uma hegemônica tradição religiosa europeia, um aspecto importante da cultura brasileira: seu caráter híbrido, e não menos, inclusivo. Imersa nas trevas de um eu que se fechava ao viço de uma vida plena, liberta, a visão se torna clara. Inteira, em sua identidade ser, mais que mulher, enxerga sua nova identidade, percebe ser um ser livre. Nas palavras da mãe-de-santo, herdeira da tradição da cultura de matriz africana, a personagem encontra, longe do berço da cultura lusitana, a resposta: “(...) fica fácil de pegar por espírito ruim. No frio dessas igrejas não tem Deus nosso senhor nem seus santos nem orixás nem salvação nenhuma”.

CONCLUSÃO

As reflexões mantidas no curso deste artigo apontaram para uma forte e salutar relação entre a teologia e a literatura, desentranhando sentidos um tanto inesperados de *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa. Aproximando aspectos conceituais do campo teológico às instâncias da *poiesis* literária, o texto aponta para uma relação não-hostil entre a teologia em sua codificação cristã e, as manifestações culturais e religiosas da tradição africana.

Na simplicidade de uma mãe-de-santo baiana encontra-se a chave de uma história plena de simbolismos. Tratando do trânsito religioso como condição existencial, o trabalho parte do entendimento de que a literatura é, também, um *locus* de revelação, tornando-se um espaço rico de investigação do fenômeno religioso.

Tomando a teorização que Paul Tillich faz sobre a profundidade da experiência religiosa na subjetividade humana e, sua emersão na cultura em função da criatividade de homens e mulheres, é possível dizer que à cultura antecede uma experiência do Sagrado e, exatamente por isso, a cultura seja marcada pela revelação. Como diz Tillich, “a religião é a dimensão da profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano” (Tillich, 2009. p. 44).

Essa perspectiva tillichiana encontra está em coerência com a noção de revelação como maiêutica histórica oferecida por Queiruga. Há muitos meios de trazer à luz a Palavra de Deus sempre dita ao mundo. A literatura é uma delas, entre outras é claro, onde a Escritura é o instrumento privilegiado. Não prescindindo da Escritura, mas nesse caso privilegiando a literatura, ao longo do desse artigo quisemos mostrar como a Palavra de Deus ecoa no mundo, essa realidade criada por Ele mesmo.

O texto tem como eixo a investigação da passagem da condição existencial chamada mesmidade à condição exodal conhecida como ipseidade, mas vai além, deixando que se perceba a desconstrução do olhar etnocêntrico realizado, principalmente nos momentos em que se refere à cultura de matriz africana e à Bahia. Na aparente cordialidade entre as culturas africana e europeia, que desvia o olhar do eixo das diferenças a obra aponta para a alteridade como caminho e a inclusão como veículo.

Nessa jornada a obra do Padre Antônio Vieira foi o fio condutor simbólico de uma trama que se tece no momento mesmo em que, buscando apontar para alternativas para se alcançar uma existência saudável, desvela a base hipócrita de certas manifestações religiosas.

BIBLIOGRAFÍA

Barcellos, José Carlos. (2000). “Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo”. *Numen*, 3, 2, pp. 9-30.

Croatto, José Severino. (2001). *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas.

Dreher, Luís H. (2003). *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*: Editora UFJF.

Francisco, Adilson José. (2015). *Trânsitos religiosos, cultura e mídia – a expansão neopentecostal*. São Paulo: Paulus.

Forte, Bruno. (2002). *Teologia em Diálogo*. São Paulo: Loyola.

Magalhães, Antônio. (2009). *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e Literatura em Diálogo* (2ª ed.). São Paulo: Paulinas.



Manzatto, Antonio. (1994). *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola.

Pedrosa, Inês. (2008). *A Eternidade e o Desejo*. São Paulo: Alfaguara.

Queiruga, Andrés Torres. (2010). *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas.

Queiruga, Andrés Torres. (1995). *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus.

Ricoeur, Paul. (2010). *Tempo e Narrativa*, Vol. III. São Paulo: Martins Fontes.

Tillich, Paul. (2009). *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial.